

A PSICANÁLISE DIANTE DO
 TERREMOTO PANDÊMICO: TRAVESSIA
 DE TEMPOS TURBULENTOS
 PSYCHOANALYSIS FACING THE PANDEMIC
 EARTHQUAKE: CROSSING TURBULENT TIMES

Adriana Silveira Gobbi

LIVRO: PSICANÁLISE E VIDA COVIDIANA: DESAMPARO COLETIVO, EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL

AUTORES: ANA DE STAAL E HOWARD B. LEVINE (ORGS.)

SÃO PAULO: BLUCHER, 2021, 394 P.

Logo de partida, esse livro despertou meu interesse. Seu título, criativo e instigante, condensa a temática com a qual todos estavam convocados a se ocupar, a partir do terremoto pandêmico que atingiu em cheio nossa vida cotidiana. Não há dúvidas de que a turbulência dos tempos nos coloca diante de incômodas incertezas, nos desaloja e exige algum tipo de movimento que nos permita fazer frente ao desamparo.

É justamente neste terreno que está edificado *Psicanálise e vida covidiana*: um convite a refletirmos sobre os efeitos da pandemia na vida em sociedade e na prática psicanalítica, a partir de diferentes experiências de analistas, ao redor do mundo. Os organizadores do livro, os psicanalistas Ana de Staal e Howard Levine, contam que a ideia da publicação surgiu ainda no início de 2020, quando, perplexos pelo que acontecia no mundo, sentiram o desejo e a necessidade de pensar, na companhia de seus pares, acerca da passagem abrupta, inédita e quase irrestrita do “divã para a tela” (p. 19). “Até que ponto poderia o *setting*, esse continente de realidade psíquica sem o qual o processo psicanalítico não tem lugar, suportar o peso de uma realidade tão brutal, inoportuna e traumática?” (p. 20), interrogam os organizadores.

O livro foi idealizado com o objetivo de retratar o momento histórico que afeta a todos e que produz talvez a mais impensável alteração a que o *setting* psicanalítico foi submetido ao longo de sua existência. A pretensão não era a de criar um manual de regras e condutas clínicas a serem seguidas, mas fazer um registro do momento, tal como uma fotografia captura a imagem de uma cena. Assim, temos acesso a uma diversidade de paisagens narrativas que retratam a forma pela qual analistas de diferentes “origens” (nacionalidades e orientação teórica) estavam vivendo e pensando suas práticas clínicas sob o impacto, sem precedentes, da pandemia e seus desdobramentos.

Dessa forma, uma ampla gama de experiências está contemplada nos 15 artigos que compõem o livro. De fato, os autores convidados, de origem americana, brasileira, francesa, inglesa, italiana e israelense, falam desde suas realidades geográficas, mas também desde suas perspectivas teóricas e recortes de

suas vidas profissionais. Bastante interessante foi a maneira pela qual os organizadores do livro buscaram instigar a escrita dos analistas convidados, enviando a eles um argumento inicial onde sustentam que “essa experiência, ao mesmo tempo difícil e complexa, parece nos fornecer hoje elementos suficientes para uma primeira reflexão sobre a resiliência do dispositivo analítico” (p. 20-21). E imbuídos de um espírito investigativo, lançam uma série de provocativas indagações, dentre as quais citamos algumas: “Até que ponto a psicanálise depende de seu dispositivo concreto? As bases do enquadre são inegociáveis, inadaptáveis? Ou, ao contrário, esse sistema é passível de transposição? Mas, a que preço?” (p. 21).

Os caminhos tomados pelos autores convidados foram diversos e foram além da questão do enquadre. Alguns optaram por uma abordagem teórico-clínica, com enfoques variados. Desse modo, temos escritos que privilegiam aspectos técnicos, tais como o enquadre, a relação analítica, a contratransferência, sendo o pano de fundo a mudança do divã para as telas. E outros com ênfase na vida intrapsíquica, especialmente em torno da noção de trauma e angústia. A grande maioria dos analistas fez uso de material clínico, e alguns relataram vinhetas de processos de análise. Outros narraram o trabalho de escuta e intervenção institucional. Há também aqueles autores que optaram por uma análise mais abrangente do contexto atual.

Um dos pontos mais debatidos foi a discussão acerca do enquadre remoto, renovando e ampliando interrogantes que já estavam a pleno vapor. Porém, dessa vez, um cenário de medo e incertezas se instalou e contrastava com a certeza da perda concreta e física do enquadre conhecido, também afetivamente muito investido, como bem evoca Staal. E, sob o efeito do susto e do inusitado, diante de uma situação de “emergência”, os analistas se viram impelidos a lançar mão dos dispositivos remotos e, em alguns casos, a suspender suas atividades profissionais por algum período.

Com efeito, em que pesem os diferentes pontos de vista dos autores, percebemos alguns pontos convergentes acerca dos atendimentos on-line, mediados por chamadas de áudio ou vídeo. Destacamos ter sido um recurso amplamente utilizado para viabilizar a continuidade de processos de análise em andamento e que, inclusive, surpreendeu positivamente os analistas, até mesmo os mais céticos quanto ao uso da tecnologia para esse fim. Mas também há um cuidado em relação à singularidade de cada processo analítico quanto à possibilidade ou não do enquadre remoto.

O debate ganha consistência quando Staal, no capítulo “A cabine queimada, ou a psicanálise sem divã”, aponta que as ferramentas tradicionais da psicanálise se configuram como um modelo-matriz e nos caberia estabelecer quais seriam as adaptações possíveis que poderiam favorecer a reinvenção, sem, contudo, destruir a matriz. No contexto atual, alerta que nos cabe problematizar as questões técnicas sem cairmos em repetições ou afirmações categóricas que só poderiam soar como prematuras.

Tenho a impressão de que os analistas estão transformando uma situação de desamparo numa experiência pensante acerca de um território desconhecido. Mexer nas certezas não parece de todo ruim, quando pode haver um processo de abertura e criação. Assim, talvez estejamos frente à quebra de uma onipotência que não leva ao extremo oposto, a impotência, mas sim à potência de poder se colocar numa posição intermediária, que nos possibilite tolerar as incertezas dos tempos. Acompanhamos a ideia tão bem colocada por Levine no

RESENHAS

capítulo “Vida cotidiana” – que fecha o livro – de que, por ora, o que se pode apresentar são pontos de partida, já que atravessamos um longo período, que apenas está se iniciando, de investigação e diálogo, para futuramente alcançarmos uma compreensão.

De fato, é bastante lúcida a posição de Levine e me vejo impelida a reconhecer a importância histórica das considerações tecidas ao longo dos capítulos desse livro, como um ato de coragem desses analistas, que representam muitos outros, e que se dispuseram a abrir sua clínica, a se posicionar, sem prejuízo de levantar inúmeras questões. Tudo isso num momento absolutamente inédito, cujo desamparo inicial pela perda do enquadre habitual não gerou paralisia, ao contrário, gerou movimento. Digamos que esse “não saber” generalizado talvez tenha nos impulsionado na direção de um compromisso com uma psicanálise viva, numa rara e desafiadora oportunidade que nos convoca a fazer a psicanálise trabalhar.

Estamos de acordo com Staal, quando aponta que o caminho mais produtivo é o de continuarmos a pesquisa para que o debate não tome um rumo reducionista ao focar tão somente em torno do dilema divã-tela. A fim de ampliar, deixa uma última e importante reflexão de que a ruptura não é só do enquadre, a ruptura é também interna e externa, cuja instabilidade do mundo nos coloca diante de muitas incertezas e o que surgirá após, ainda não sabemos, mas lança a hipótese de que talvez seja necessária uma longa travessia.

No momento em que nos encontramos, temos o impacto de um acontecimento em nós e na psicanálise. Um acontecimento-força que provoca rupturas e submete o psiquismo também do analista a duras provas. Mas será que poderá possibilitar aberturas e criações?

*Psicóloga, mestre em Psicologia Clínica (PUCRS).
Membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.
E-mail: adrianasilveiragobbi@gmail.com*